

O papel da mídia em situações de conflito: a retirada dos EUA da Somália entre 1993 e 1994

*The role of media in conflict situations: the US
Withdraw from Somalia between 1993 and 1994*

Bárbara Soares Lima dos Santos

Resumo

O objetivo deste trabalho é investigar a relação entre a exposição midiática dos eventos ocorridos na Somália em 1993 e a retirada da participação norte-americana na missão da ONU no país. Para tanto, foi utilizado o arcabouço teórico construtivista e o do agenda-setting, para explicar teoricamente a mídia como agente internacional. Além disso, foram levantadas as raízes históricas do conflito somali e também opiniões de diversos acadêmicos a respeito dessa relação. Um estudo foi realizado relacionando a quantidade da exposição midiática dos eventos ocorridos na Somália e a aprovação pública doméstica estadunidense da ação dos EUA no país entre 1992 e 1994, tendo sido os dados cruzados em um gráfico. Após análise e estudo dessa relação, concluiu-se que a mídia atuou no evento estudado como chamadora de atenção para o conflito e como catalisadora da retirada, uma vez que a decisão pela retirada já havia sido tomada, mas a ação foi agilizada em resposta à atuação da mídia

Palavras-chave: Mídia; Somália; EUA; *Restore Hope*; Unosom; Opinião pública.

Abstract

The objective of this study is to investigate the relation between the media coverage of events occurring in Somalia in 1993 and the withdrawal of U.S. participation in the UN mission in the country. For this purpose the theoretical framework of the constructivist theory was used, as well as the Agenda-Setting theory to explain the media as an international agent. In addition, we surveyed the historical roots of the Somali conflict and reviews of various scholars about this relation. A study was conducted relating the amount of media coverage of events occurring in Somalia and domestic public approval of U.S. action in the country between 1992 and 1994, the data were crossed in a graph. Upon review and study on this relation it is concluded that the media played a role in the event studied by calling attention to the conflict and as a catalyst for withdrawal, since the decision for withdrawal had already been taken but the action was sped up in response to actuation of the media.

Key words: Media; Somália; USA; *Restore Hope*; Unosom; Public opinion.

Ao se estudar a influência da mídia na tomada de decisões políticas internacionais, uma das primeiras palavras que vêm à mente dos estudiosos de mídia é Somália. Em outubro de 1993 os meios de comunicação nos Estados Unidos foram inundados com imagens de corpos de soldados norte-americanos mutilados por civis somalis. Essas imagens despertaram um frenesi, o povo norte-americano clamava pela retirada das tropas que haviam ido para a Somália em uma missão das Nações Unidas, na busca de solução para a crise humanitária que vivia o país.

Desde então, diversos acadêmicos norte-americanos têm se proposto a estudar qual foi a real influência da mídia nesse evento específico, porém são poucos no Brasil os estudiosos que investigam essa influência. De fato, o estudo da influência da mídia na ação norte-americana na Somália é de relevância para todos os estudiosos de mídia em geral, pois esse é um exemplo de situações extremas onde um único evento pode determinar o curso das ações.

Portanto, o presente artigo se presta a essa investigação. Busca, especificamente, determinar a influência da mídia na retirada das tropas norte-americanas da Somália entre outubro de 1993 e março de 1994. Para essa investigação, será utilizada a teoria construtivista das Relações Internacionais em um diálogo com a teoria do *agenda-setting* da comunicação como aparato teórico. A seguir, um breve histórico do conflito e crise humanitária somali é traçado para um melhor entendimento. Além disso, algumas hipóteses serão levantadas, baseadas em estudos já realizados a respeito do assunto. E, por fim, dados coletados serão analisados, comparando-se a exposição midiática do assunto, o índice de aprovação popular e os eventos ocorridos, em ordem cronológica, entre julho de 1992 e abril de 1994.

Mídia, construtivismo e *agenda-setting*

Diante da importância crescente da mídia, o seu estudo no campo das Relações Internacionais ainda é pequeno. Talvez a razão para essa negligência seja a dominância realista sobre o estudo das Relações Internacionais, que pressupõe o Estado como ator unitário. Outras teorias, porém, atribuem certa força no sistema internacional a atores não estatais, sendo possível citar como exemplo os liberais, o marxismo e as teorias pós-positivistas, como o construtivismo. Para este estudo será utilizada a teoria construti-

vista, mais precisamente o construtivismo de Kratochwil e Onuf, em um diálogo com a teoria *agenda-setting* da comunicação.

Algumas características da teoria construtivista a tornam adequada para este estudo. A primeira delas é a convicção de que os Estados não são os únicos objetos de estudo das Relações Internacionais (CAMARGO, 2009), permitindo que outros atores sejam considerados relevantes no sistema internacional. Outra característica é a importância das ideias, adquirida no construtivismo. Para o construtivismo, as ideias são parte importante na construção social da realidade e, atualmente, um grande difusor de ideias é a mídia. Há ainda algumas outras características que serão mais bem discutidas adiante.

Para esta análise partiremos do pressuposto de que a realidade não é imposta absoluta ou predeterminada, mas é uma construção social resultante das escolhas dos agentes, denominados nesse caso como atores. Portanto, o sistema internacional, originalmente denominado “mundo”, está sujeito a uma constante mudança, uma vez que é continuamente construído e transformado pelas escolhas dos atores (NOGUEIRA; MESSARI, 2005). Também os atores são socialmente construídos, são o resultado de uma construção de interesses e identidades que sofrem mudanças no decorrer do tempo (CAMARGO, 2009).

As ideias e os valores possuem aqui um papel de destaque, pois informam a “relação do agente com o mundo material” e “desempenham uma função central no conhecimento sobre este mesmo mundo” (NOGUEIRA; MESSARI, 2005, p. 167). Isso significa dizer que o mundo só faz sentido a partir do momento em que o ator se refere a ele e mediante os meios utilizados nessa referência.

Ideias se expressam através dos discursos. Segundo Kratochwil, o mundo ao qual nos referimos é produto dos discursos que nos permitem nos referirmos a ele (KRATOCHWIL, 1989), o mundo é permanentemente construído pelos discursos. Portanto, não importa qual é a “realidade lá fora”, uma vez que os discursos que utilizamos para nos referir a ela motivarão nossos entendimentos e nossas ações. É no processo de interação e comunicação entre os atores que são construídos seus interesses, suas preferências e sua visão do sistema internacional.

Os discursos estão diretamente atrelados às ações. Onuf defende que o ato é a expressão do discurso, de modo que, para ele, *dizer é fazer*. Uma vez que o ator constrói suas preferências e inte-

resses através da interação com os demais atores, que ocorre através de diversos discursos, seu discurso se transforma em uma ação que explicita essas mesmas preferências e interesses. Nogueira e Messari (2005, p. 173) defendem que “discurso e ato são total e solidamente ligados: os atos são a expressão dos discursos e dos significados, e não podem ser entendidos fora ou independente deles”.

Para Onuf, existe uma relação assimétrica de poder, a qual permite que determinados discursos sobressaiam a outros e criem regras que definem as ações dos atores e, para Kratochwil, a interpretação das regras e normas que vigoram nos discursos é fundamental para a compreensão da realidade internacional (CAMARGO, 2009). As regras apresentam escolha aos atores e lhes informam o que eles devem fazer; são elas que indicam quais atores são agentes de uma certa estrutura.

Para analisar as relações sociais é necessário, portanto, analisar as regras do discurso que leva um determinado ator a agir de determinada maneira. Kratochwil propõe então uma teoria da análise da tomada de decisão centrada na análise das regras que regem o discurso, mediante o qual se toma determinada decisão (NOGUEIRA; MESSARI, 2005).

A respeito da mídia, Julia Camargo propõe a pergunta:

Se o construtivismo é teoria das relações internacionais que busca situar a importância das ideias e dos valores no mundo social e a mídia é o principal meio no qual esses significados circulam atualmente, por que não existe uma discussão sobre a mídia no cerne do construtivismo? (CAMARGO, 2009, p. 25)

A partir dessa pergunta, elabora um estudo analisando o papel da mídia nas Relações Internacionais. Para isso, ela parte do pressuposto de que a percepção que os agentes possuem do mundo político – e sua atuação sobre ele – somente pode ser interpretada ao se enfatizar o papel das ideias e dos valores nas Relações Internacionais.

Em seu estudo, Julia Camargo defende que a mídia tem a capacidade de construir e disseminar em larga escala as realidades sociais por meio de seu discurso diário. Segundo a autora, a mídia compartilha com outros agentes a função de constituir a definição de regras, identidades e interesses. Essa função é facilmente percebida em situações de crise e guerra, devido à concentração da atenção da sociedade internacional sobre esses eventos.

Julia Camargo também identifica duas formas em que a mídia exerce essa função. A primeira é como ator, quando a própria mídia,

movida por diversos interesses, provoca essas atividades constitutivas, o que a tornaria atuante. Outra forma é como coator ou palco, quando permite abrir os espaços para que outras autoridades e grupos de interesse realizem suas constituições.

Por fim, a autora conclui que as notícias são parte do processo de construção social do mundo:

Sob o prisma da teoria construtivista é possível entender as notícias como participantes do processo por meio do qual o mundo é construído e os significados são criados. São os significados transmitidos pelas notícias que defendem e constituem os fenômenos sociais e, dependendo do assunto, eles podem ser abordados em uma escala global. (CAMARGO, 2009, p. 28)

Tendo em vista que as notícias participam do processo de construção social e, dessa forma, a mídia influi no sistema internacional, devemos investigar a maneira como essa construção ocorre. Para isso, faz-se necessário buscar a assistência de outras ciências, nesse caso a comunicação, em um diálogo com as Relações Internacionais.

Na sociedade da informação, os oligopólios constituem o eixo preponderante das corporações de mídia e entretenimento (CAMARGO, 2009). Esses oligopólios determinam a pauta midiática seguida pelos demais veículos, que geralmente utilizam as informações transmitidas por esses mesmos oligopólios. Como exemplo, Rafael de Oliveira (2010, p. 168) cita em sua tese a revista *Times*: “A aparição na capa da *Times* legítima com frequência um assunto como noticioso”.

A escolha das notícias transmitidas obedece a uma dinâmica de produção excludente que segue determinados interesses, não necessariamente políticos – ainda que resultados políticos sejam alcançados (CAMARGO, 2009). Uma vez que um assunto é noticioso, o mundo político precisará dar alguma resposta ao que foi noticiado (OLIVEIRA, 2010).

A quantidade de cobertura midiática que cada evento recebe influencia a saliência deste na agenda pública. Por sua vez, o enquadramento dado pela notícia a esses mesmos eventos dá a eles atributos absorvidos pela sociedade (MARTIN, 2006). Essa é a teoria do *agenda-setting*, a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá (BAUM, 2003).

Segundo o pressuposto, a mídia seleciona determinados assuntos e os retrata com frequência e proeminência, o que leva a

sociedade a perceber esses assuntos como de maior importância. Dessa forma, pode-se perceber a construção de conceitos, ideias e eventos através dos discursos midiáticos. Há dois níveis de fixação de agenda (este artigo utilizará a tradução do termo *agenda-setting* utilizada por Rafael de Oliveira).

O primeiro nível foca na quantidade de cobertura de um assunto, sugerindo que a mídia decide de quais assuntos o público terá ciência – *what to think about*. Ele corresponde a um assunto ou figura ganhando a atenção do público, que absorve a informação a esse respeito (WU; COLEMAN, 2009). Portanto, o primeiro nível está relacionado à saliência que determinado assunto adquire na sociedade devido à quantidade de cobertura midiática.

O segundo nível examina a influência da saliência dos atributos, propriedades, qualidades e características que descrevem os objetos, eventos ou pessoas alvo das notícias. Esse nível representa a dimensão da afinidade, isto é, quando o público forma impressões de algum assunto com base nos seus atributos – *how to think about it* (WU; COLEMAN, 2009). Ele ocorre através do enquadramento dado pela mídia ao assunto.

Um aspecto a se observar se baseia em uma linha de pensamento que relaciona informações negativas com o julgamento político da sociedade. Esse pensamento defende que as emoções são importantíssimas para ganhar a atenção do público e que o público utiliza as emoções, mais especificamente as negativas, para refletir sobre suas visões políticas. Existem evidências de fixação de agenda, que apoia uma predominância de informações negativas nas notícias. Mostrar somente aspectos negativos a respeito de um determinado evento ou assunto leva a sociedade a pensar que esse evento ou assunto é problemático (MARTIN, 2006).

Um problema observado na fixação de agenda é quando a influência da mídia leva o público ao erro sobre o sucesso ou fracasso de determinadas ações políticas. Ao ter uma posição a respeito do assunto, a sociedade pressiona os governos a agirem de acordo com sua percepção. Para salvaguardar suas posições públicas ou prestígio, os tomadores de decisão sentem a necessidade de alterar suas práticas, ainda que eficazes. Rafael de Oliveira (2010) destaca que nessas situações os jornalistas internacionais agem como atores no processo político, tentando influenciar a opinião do público e dos órgãos governamentais oficiais.

Sob esse prisma, passaremos a analisar especificamente a ação midiática na considerada derrota das operações *Restore Hope* (Unitaf – *United Task Force*) e Unosom (*United Nation Operation in Somalia*) de 1993 a 1994 na Somália, buscando responder qual foi a influência da mídia na retirada das tropas dos Estados Unidos (EUA) do país.

Background histórico

Para se ter uma visão ampla e eficaz da relação entre a interferência dos EUA no conflito somali e a atuação midiática sobre ela, é necessário conhecer o conflito, incluindo suas raízes históricas. Para esse efeito, este artigo discorrerá brevemente acerca dos antecedentes históricos do conflito.

A Somália de Barre

Em 1969 Siad Barre tomou posse na presidência através de um golpe militar. Uma de suas primeiras decisões foi decretar a adoção do socialismo, dando início ao processo de sovietação da economia. A Somália tornou-se o principal aliado de Moscou na região, com a assinatura, em 1974, do Acordo de Amizade e Cooperação entre os dois países (SOMÁLIA, 2005). A partir de então, a Somália passou a receber um forte apoio da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e as tropas somalis passaram a ser uma das mais bem equipadas e treinadas da África.

Em meados da década de 1970, Barre percebeu que seu governo já estava consolidado e se lançou no sonho da construção da “Grande Somália”, apoiado pela URSS (PREISS, 2005). Então, em 1977, Barre invadiu a região de Ogaden, na Etiópia. No entanto, a União Soviética não apoiou o projeto expansionista contra um país que era um novo aliado do Kremlin no Chifre da África. Moscou abandonou seu aliado anterior, passando a apoiar a Etiópia com ajuda financeira e militar. Em 1978, forças etíopes equipadas pelos soviéticos e apoiadas por cerca de 15 mil soldados cubanos expulsaram o exército somali da região invadida (SOMÁLIA, 2005).

Durante a década de 1970, a URSS havia transformado as forças armadas somalis em uma das mais bem equipadas e treinadas da África (PREISS, 2005), porém, sem o apoio de Moscou, e em plena Guerra Fria, Barre recorre aos EUA e, em 1980, os dois países assinaram um acordo de cooperação militar que colocou a Somália na zona de influência norte-americana (SOMÁLIA, 2005).

A década de 1980 foi um período de tensões externas e internas na Somália. Externamente, os conflitos territoriais ainda não haviam sido totalmente apaziguados, ainda se temia uma invasão da Etiópia fortalecida pela URSS e, internamente, o apoio de Barre estava decrescendo vertiginosamente. Seu governo despótico, que utilizava a chamada “política da fome” (HUBAND, 2004, p. 370, tradução nossa), levou o país a um cenário de fome e ações de banditismo, que culminou num embargo da ajuda humanitária em 1989.

Na disputa da Guerra Fria pela influência sobre a Somália, que possui uma localização estratégica no Chifre da África, o alinhamento à URSS e logo depois aos EUA rendeu ao país um “quase ilimitado suprimento de armas, munição, minas de terra e transporte militar” (HOBSBAWM, 1996, p. 251). Esse alto poder de fogo, alinhado ao descontentamento com o governo central, culminou, em 1991, com a chamada “Revolução Somaliana” (CASTRO, 2010, p. 2), que depôs o governo de Barre e esse foi o primeiro passo para o caos.

Da revolução à intervenção internacional

Durante o governo de Siad Barre, mais especificamente em meados da década de 1980, vários grupos rebeldes surgiram, e com apoio externo foram ganhando força. A resistência culminou em janeiro de 1991, quando o grupo liderado por Mohamed Farrah Aidid, o Congresso Somali Unido (USC), invadiu a capital, Mogadíscio, forçando a fuga de Barre. Outros dois grupos também tiveram considerável participação na deposição do governo: o Movimento Nacional Somali (SNM), que lutava contra o exército de Barre no norte do país e foi responsável pela independência da Somalilândia e o Movimento Patriótico Somali (SPM), responsável pelos embates no sul do país (SILVA, 2003).

Após a queda de Barre, em janeiro de 1991, Ali Mahadi Muhammad, membro da cúpula do USC, assume a presidência. Seu governo era ineficiente e não foi capaz de controlar o país política ou militarmente. Devido à falta de comando de Mahadi, Aidid se opõe ao seu governo e promove uma cisão do USC, enfraquecendo Mahadi, que perde seu cargo de presidência em novembro de 1991, ainda que a luta entre os dois continuasse. Dividido em dois, o USC perde o pouco de controle que havia conquistado e se inicia a fase de maior violência na história somali, a fase denominada por Silva (2003) de “hobbesiana”.

Na luta entre os grupos armados pelas regiões de produção agrícola, grande parte das plantações foi destruída. Além das milícias, havia também grupos de jovens armados, conhecidos como *mooryaan*, que praticavam roubo e pilhagem. A anarquia e a fome se alastraram por toda a região centro-sul da Somália e em poucas semanas 330 mil pessoas estavam em estado iminente de morte por inanição (SILVA, 2003).

De acordo com Preiss, “o ‘civilizado’ mundo estava horrorizado com as cenas transmitidas, via satélite, que mostravam o ‘espetáculo da fome na Somália’” (2005, p. 9). Diante desse cenário, a Organização das Nações Unidas (ONU) decidiu intervir, promovendo uma reunião entre Aidid e Mahadi que resultaria em um cessar-fogo, em 3 de março de 1992 (SILVA, 2003). O cessar-fogo objetivava a instalação de uma missão de paz para assegurar a chegada da ajuda humanitária aos necessitados que, de acordo com a ONU, tinham até 80% dos suplementos roubados (HUBAND, 2004) – atualmente se sabe que esse número não passava de 10% a 20% (PREISS, 2005). A missão, chamada de Unosom, *United Nations Operation in Somalia*, foi estabelecida pela resolução de número 751 do Conselho de Segurança, no dia 17 de março de 1992. A Unosom era formada por uma força de segurança de 500 homens do exército paquistanês e 50 observadores para monitorar a implementação do acordo, e seis programas da ONU e 30 organizações para cuidar da ajuda humanitária.

Entre maio, quando os primeiros efetivos da ONU desembarcaram, e novembro de 1992, quando as forças da ONU controlaram o aeroporto de Mogadíscio, 3,5 mil homens a mais foram enviados, 350 mil somalis haviam morrido por inanição, incluindo 75% da população infantil, 1,5 milhão da população estava à beira da morte e um fluxo de 700 mil refugiados seguia em direção à Etiópia e o Quênia (SILVA, 2003). Durante esse tempo, os EUA e as potências europeias se posicionaram de forma cautelosa quanto à situação somali. A atenção dos EUA estava voltada para si, já que o presidente George Bush estava na reta final da campanha eleitoral. Silva discorre a respeito do desinteresse ocidental:

Por causa da falta de interesse ocidental, o próprio secretário geral da ONU sentiu-se impelido a denunciar publicamente, em julho de 1992, a inação da própria ONU, acusando os integrantes do Conselho de Segurança de se preocuparem mais com o que chamou de “rich man’s war” (referindo-se à guerra da Bósnia). (SILVA, 2003, p. 51)

Somente após o resultado das eleições americanas, com a vitória de Bill Clinton, o presidente Bush resolveu usar os meses que lhe restavam para defender a atuação dos EUA na Somália, fato até então desconsiderado pelo presidente. A mudança na política do presidente Bush se deu, entre outros fatores, à pressão da opinião pública, que cobrava um maior envolvimento americano diante das imagens exibidas pelos veículos de notícias do povo somali, entregue à violência, miséria e fome (SILVA, 2003).

Em 3 de dezembro de 1992, o Conselho de Segurança aprovou a resolução 794, estabelecendo a formação da United Task Force (Unitaf), conhecida como *Operation restore hope*, sob a liderança dos EUA (SILVA, 2003). A operação objetivava usar todos os meios necessários para fornecer segurança às operações de ajuda humanitária, inclusive o uso da força (BAUM, 2004). A operação viria para reforçar a já existente Unosom.

Em 9 de dezembro de 1992, os primeiros soldados americanos aportaram nas praias de Mogadíscio, e continuariam a chegar durante todo o mês de dezembro. Rapidamente, ainda nas primeiras semanas, as tropas asseguraram o controle do aeroporto e iniciaram a distribuição de alimentos para as vilas no interior da região, mostrando o aparente sucesso inicial da operação. Porém, com o passar do tempo e as tentativas de conciliação entre os líderes milicianos, a situação foi se deteriorando e a violência voltava (SILVA, 2003).

Nesse cenário, o Conselho de Segurança decidiu, através da resolução 814, do dia 26 de março de 1993, instalar a Unosom II, que objetivava passar a coordenação das ações dos EUA para a ONU mediante a unificação da Unitaf e da Unosom I em uma nova operação. Com a Unosom II os EUA passariam a cooperar somente com uma força de “ação rápida”. A data oficial para a transição era o dia 4 de maio, mas, ainda em março, os EUA iniciaram o processo de transferência do comando de volta à ONU (SILVA, 2003).

Porém, a situação continuou a se deteriorar à medida que a ONU tentava alcançar uma conciliação entre os líderes milicianos e culminou quando, no dia 5 de junho, um grupo de milicianos somalis emboscou uma tropa paquistanesa da ONU, matando 20 soldados. Rapidamente a ONU reagiu e concluiu em uma investigação que o culpado pelo ataque foi o grupo USC/SNA liderado por Aidid. E aprovou uma resolução autorizando o uso de todos os meios necessários contra todos os responsáveis, iniciando a busca intensiva pela captura de Aidid. A Unosom II e o grupo de “força de reação

rápida” dos EUA se transformaram em campanhas para a captura de Aidid (SILVA, 2003).

Enquanto era caçado, Aidid conquistava apoio de outros grupos, de acordo com Silva:

Aidid angariava o apoio de várias outras milícias somalis ao passar de visto (com a ajuda de certa cobertura simplista dos meios de comunicação) como um herói nacional, oprimido e lutando contra as forças imperialistas. O que levou ao desfecho inevitável. (SILVA, 2003, p. 66)

O desfecho ocorreu no dia 3 de outubro de 1993, no episódio conhecido como *Black Hawk Down*, quando tropas dos EUA atacaram o hotel Olympic, lugar onde supostamente ocorreria um encontro da cúpula de Aidid. Porém, os soldados americanos foram emboscados, resultando em 18 mortos e 54 feridos entre as tropas da ONU e um refém norte-americano, além dos 312 mortos e 814 feridos somalis (SILVA, 2003).

Em questão de horas, as redes de notícias mostravam nos EUA a imagem de corpos de soldados americanos arrastados pela multidão enfurecida pelas ruas de Mogadíscio e do piloto coberto de sangue mantido refém pela milícia de Aidid. As imagens geraram uma profunda indignação da população norte-americana, que pediu a retirada imediata das tropas do país. A pressão da opinião pública fez com que o presidente Bill Clinton anunciasse, poucos dias depois, a retirada gradual, porém total, da Somália até 31 de março de 1994 (SILVA, 2003).

O ano de 1994 foi um ano de retiradas. Seguindo os EUA e em resposta à total falta de controle e deterioração das tentativas de acordo entre as milícias, os países participantes da Unosom II foram pouco a pouco se retirando, até que, por fim, a própria ONU anunciou formalmente, no mês de setembro de 1994, o fim da operação na Somália. Os últimos funcionários da ONU foram retirados em março de 1995, deixando para trás uma situação não muito diferente da encontrada na chegada em maio de 1992.

Várias hipóteses, diversas conclusões

Quando se diz respeito à influência da mídia no processo de retirada da missão norte-americana na Somália, entre 1993 e 1994, as opiniões são bastante diversas. Muitos autores, tanto no campo das relações internacionais como no campo da comunicação, es-

tudam essa relação e diversas hipóteses e resultados são apresentados. Para uma melhor análise dos fatos, este artigo apresentará algumas diferentes opiniões e resultados.

Alguns trabalhos brasileiros comentam brevemente a ação norte-americana na Somália entre os anos de 1992 e 1994. Rafael Santos de Oliveira (2010) defende a mídia como ator emergente nas relações internacionais. Para isso, ele extrai das teorias da comunicação a influência política global da mídia. Uma das teorias analisadas pelo autor é a teoria do *agenda-setting*. O autor cita o caso da Somália como um exemplo de quando “uma cobertura midiática emocional com violência e crises humanitárias determina uma reorganização das prioridades em política internacional” (OLIVEIRA, 2010, p. 163). Portanto, para ele, as prioridades de governo nos EUA foram alteradas diante da exposição midiática da violência (OLIVEIRA, 2010).

Alexandre dos Santos Silva (2003) faz, em sua dissertação acerca da intervenção humanitária na Somália, Ruanda e Libéria, uma análise histórica dos antecedentes e das intervenções nesses três países. Ele descreve o acontecimento conhecido como *Black Hawk Down* e apresenta a opinião pública dos norte-americanos, profundamente abalada pelas imagens veiculadas pela mídia, como catalisadora da retirada da Somália, anunciada pelo presidente Bill Clinton alguns dias depois.

Entre os acadêmicos nos EUA, vários estudos sobre o tema foram e ainda estão sendo produzidos, alguns deles bastante pontuais. Cori Dauber (2001), um estudioso na área da comunicação global, estuda a “imagem como argumento”. Ele analisa o impacto sobre a opinião pública das imagens dos corpos dos soldados mortos e mutilados e do vídeo do piloto do helicóptero *Black Hawk* capturado pelas forças somalis, veiculadas nos EUA. Para ele, as humilhantes cenas eram vistas pelos cidadãos como uma vergonha nacional e as pesquisas de opinião dos dias seguintes pediam uma retirada imediata (apesar de com o tempo a opinião pública ter se arrefecido). Ele defende que as imagens são tão poderosas que alguns fotógrafos se tornam ícones de eventos particulares, definindo a experiência norte-americana de um conflito. Para ele, no caso somali, os EUA não se retiraram devido a fatos ocorridos, mas pelas fotografias dos fatos ocorridos (DAUBER, 2001).

Alguns autores não atribuem um poder político significativo à mídia nesse caso. Eytan Gilboa analisa a interação entre a mídia e a

política externa dos EUA, usando quatro conceitos da comunicação global: o *CNN effect*, *Real time policy*, *International political brokerage* e *Media diplomacy*.¹ Gilboa conclui que a mídia pode ser tanto um ator quanto uma ferramenta nas mãos dos líderes. Somente em uma situação de vácuo de liderança, a mídia atua como ator, guiando as decisões políticas; nos outros casos, a mídia tem somente o poder de chamar a atenção do público e dos governos para uma determinada situação.

O autor analisa o caso da intervenção norte-americana na Somália, tradicionalmente apresentado como exemplo do *CNN effect*. No entanto, Gilboa conclui que no caso somali a cobertura midiática veio em resposta a operações burocráticas e diplomáticas do governo norte-americano, ou seja, a mídia atuou influenciada pela ação do governo e não o contrário (GILBOA, 2002).

Outro autor que defende a tese de que a mídia teve uma influência na retirada dos EUA da Somália em 1994 é Matthew Baum, da Universidade da Califórnia. Em seu estudo realizado em 2004, ele concorda com a hipótese de que a opinião pública teve um grande poder nas decisões tomadas pelo governo norte-americano, porém de forma diferente da tradicionalmente entendida.

Baum (2004) traça um paralelo histórico entre a decisão política e a atenção e aprovação pública a respeito da interferência norte-americana desde a decisão pela intervenção à decisão de retirada.

Para o autor, o ano de 1993 é marcado pela aprovação popular no início com o, até então, sucesso da operação e uma consequente perda de interesse e visibilidade da população, que segundo Baum, passou por um período de permissibilidade. Em março de 1993, com a substituição da Unitaf (*Restore Hope*) pela Unosom II, o contingente norte-americano se viu em uma situação de guerra direta com as milícias somalis e, em meados de 1993, o governo já dava sinais de retirada no Congresso. Porém, com os acontecimentos do início de outubro, a atenção midiática novamente se voltou para

1 O autor define os conceitos acima relacionados da seguinte forma:

CNN effect: teoria que sugere que a televisão global se tornou um ator direto na formulação de políticas de defesa e de política externa.

Real time policy: a mídia é um ator constrangedor na política internacional através da rapidez e volume das transmissões de notícias e informações.

International political brokerage: a mídia é um ator interventor em situações onde faz a mediação entre partes conflitantes, influenciando nas decisões políticas a serem tomadas.

Media diplomacy: a mídia é um ator instrumental quando líderes políticos a utilizam como instrumento para avançar em negociações e mobilizar apoio para acordos.

a Somália e os índices de desaprovação subiram vertiginosamente “do dia para a noite” e, ainda no começo de outubro, o presidente Clinton anuncia a retirada.

Diante disso, Baum conclui que tanto a presença quanto a ausência da opinião pública (guiada pela mídia) podem influenciar as tomadas de decisão do governo, porém no caso somali o governo já havia se disposto a se retirar do país, portanto, os eventos do dia 3 de outubro que levantaram a opinião pública somente levaram o governo a acelerar a retirada (BAUM, 2004).

Outra acadêmica norte-americana, que estudou a relação entre a retirada dos EUA da Somália e a mídia, é Shannon Martin da Universidade do Maine. Em seu estudo, denominado *US media pools and military interventions in the 1980s and 1990s*, ela busca encontrar a relação entre a forma com que as operações militares norte-americanas são apresentadas pela mídia e as mudanças na opinião pública, enquanto as operações ainda estavam em vigor. Martin analisou 2.330 notícias de televisão, rádio, jornais e revistas dos EUA sobre a atuação norte-americana na Somália durante o ano de 1992 e as separou em categorias: as que citavam mudanças políticas, totalizando 334; as que citavam os trabalhos humanitários, totalizando 1817; e as que reportavam batalhas militares, totalizando 179.

Analisando pesquisas de opinião entre 1992 e 1993, ela observou que o apoio da população era para uma operação rápida e majoritariamente de caráter humanitário. Em dezembro de 1992 a aprovação popular à operação era de 73%, em janeiro de 1993 cresceu para 79%. Martin defende que após Clinton ter remodelado a missão com um maior apelo humanitário, a aprovação popular decaiu, apesar de ainda ser de 62% em junho e, após o incidente de 3 de outubro, somente 33% da população aprovava a operação.

Martin (2006) conclui que à medida que a operação na Somália recebia um maior caráter humanitário durante o ano de 1993, a população não via os resultados desejados; na percepção popular os esforços estavam se prolongando por tempo demais. Esses dois fatores aliados fizeram com que a aprovação popular decaísse gradativamente até que em outubro essa aprovação despencou. Para ela, a forma com que a mídia apresentava a operação (segundo nível de *agenda-setting*) determinou a aprovação ou a não aprovação do povo e conseqüentemente as ações do governo.

Outra hipótese comumente defendida é a de que o governo dos EUA estava dando uma maior atenção à operação da Bósnia. Walter Kansteiner (1996) cita uma crítica feita pelo secretário geral da ONU, Boutros Ghali, em julho de 92, dizendo que o conselho de segurança estava ignorando a Somália, preocupado somente com “the rich man’s war” (KANSTEINER, 1996, p. 110). De acordo com essa corrente, o governo norte-americano se aproveitou do mau momento retratado pela mídia para se retirar da Somália e se concentrar em uma operação politicamente mais estratégica.

Como visto, várias hipóteses são apresentadas para o motivo da retirada dos EUA da Somália nos anos de 1993 e 1994. Alguns autores atribuem uma grande força à atuação midiática na tomada de decisão, outros a entendem somente como um fator secundário na explicação e outros autores ainda apresentam a mídia como uma ferramenta nas mãos do governo norte-americano para justificar ou acelerar a retirada. Para encontrarmos uma resposta concreta, é necessário analisar a relação entre a exposição midiática do conflito, a opinião pública e a ação do governo, levando em consideração todas as hipóteses citadas acima.

Análise de dados

Em busca da relação entre a exposição midiática da atuação dos EUA na missão na Somália e a decisão do governo pela retirada, em outubro de 1993, uma análise mais detalhada foi realizada. Analisou-se a quantidade de atenção recebida pela missão através do número de reportagens veiculadas a cada mês, em contraste com os números da aprovação popular, relacionando-se os dados com os eventos ocorridos de relevância considerável.

O veículo de mídia escolhido foi o jornal *The New York Times*, devido à sua importância doméstica nos EUA como formador de opinião e provedor de notícias. Nessa pesquisa, foram analisadas todas as edições entre julho de 1992 e abril de 1994. Foi utilizado o arquivo digital *ProQuest Historical Newspapers: The New York Times (1851-2008)* no qual, através do mecanismo de busca avançada, foram selecionados artigos, editoriais e notícias de guerras/militares que continham a palavra “Somalia” em todos os campos, com exceção do texto completo. A busca foi feita por períodos mensais e foram excluídos os artigos que não correspondiam ao tema analisado.

Já os resultados das pesquisas de opinião foram obtidos através dos artigos já citados de Matthew Baum, Shannon Martin e o banco de dados de pesquisas de opinião *Polling the Nations*, onde se realizou a busca de pesquisas com a palavra “Somalia” entre os anos de 1992 e 1994, tendo sido utilizadas somente as pesquisas que demonstravam a aprovação popular nos EUA à missão na Somália.

Os resultados da pesquisa de exposição midiática e de opinião pública foram cruzados em um gráfico que permite uma melhor visualização das tendências de mídia e da opinião pública (Gráfico 1). Seguem-se algumas observações e um paralelo dos dados e dos eventos ocorridos em ordem cronológica.

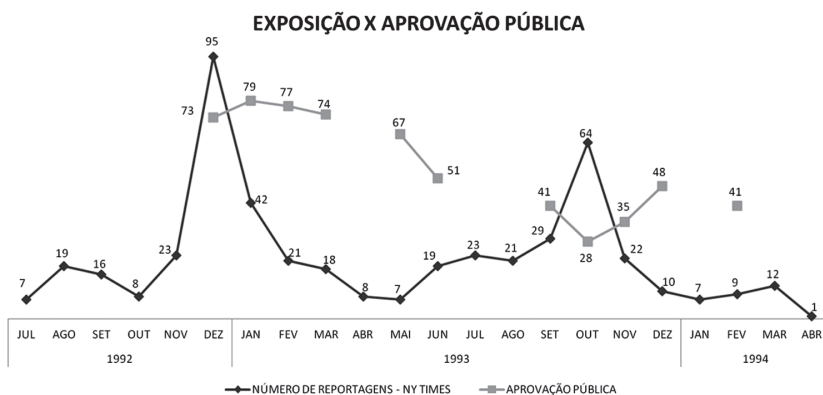


Gráfico 1 - Exposição no *NY Times* versus a aprovação pública.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em julho de 1992 o jornal *The New York Times* (*NY Times*) fez referência à Somália sete vezes. Até então, a crise humanitária naquele país atraía pouca atenção, porém em 10 de julho de 1992, o presidente dos EUA, George Bush, recebeu um telegrama do embaixador norte-americano no Quênia intitulado “A day in hell” (Um dia no inferno), denunciando as condições de guerra civil e fome na Somália (BAUM, 2004). Esse relatório começou a trazer uma visibilidade da mídia para a Somália. A partir desse momento, a mídia passou a divulgar mais o caso somali e a atenção do público, e também do presidente, passou a ser maior. Já em agosto de 1992, o número de notícias a respeito da Somália no *NY Times* salta para 19. Isso se deu em resposta à primeira grande ajuda humanitária enviada pelos EUA ao país, de 145 mil toneladas de alimentos, que ficou conhecida como *Operation Provide Relief* (BAUM, 2004).

A Unosom já havia sido estabelecida em março de 1992, porém não havia alcançado grande sucesso. Havia um desinteresse dos EUA em se envolver de forma mais profunda na Somália, principalmente em época de eleições presidenciais. Esse desinteresse se exemplifica na quantidade de veiculação do caso, que cai vertiginosamente até alcançar somente oito veiculações em outubro.

Somente em novembro a exposição na mídia do caso somali cresce novamente, atingindo 23 veiculações no *NY Times*. Esse mês foi marcado pela eleição presidencial, que derrotou George Bush contra Bill Clinton. Em dezembro, com o anúncio e início da operação que ficou conhecida como *Restore Hope*, a exposição chegou a seu ápice, já que somente o *NY Times* veiculou 95 artigos relacionados. Ainda em dezembro, ocorre a primeira pesquisa de opinião, que mostrou que 73% do público norte-americano aprovava a operação que garantiria ao povo somali o acesso à ajuda enviada.

A operação *Restore Hope* se mostrou um sucesso inicialmente e, apesar de os números de veiculação no *NY Times* terem caído vertiginosamente, entre dezembro de 1992 e fevereiro de 1994, e depois gradativamente entre fevereiro e maio, a opinião pública se mantinha favorável, apresentando índices de aprovação acima de 70% até o mês de março.

Ainda em março, com a fusão das operações *Restore Hope* e Unosom para a criação da Unosom II, observa-se uma exposição decrescente, atingindo 18 veiculações e uma aprovação pública elevada: 74%. Porém, após essa data observa-se um desinteresse do público, que diminui a aprovação para 67% em maio, mês em que ocorreram somente sete veiculações no *NY Times*.

Porém, a despeito do desinteresse da mídia e do público norte-americano, o mês de junho trouxe de volta a atenção para a Somália, com o ataque dos soldados paquistaneses das tropas da ONU. A veiculação passou de sete em maio para 19, e, em contrapartida, a aprovação pública caiu de 67% para 51%. A partir de julho, a veiculação da missão na Somália continuava a crescer à medida que a situação se deteriorava, alcançando 29 notícias em setembro, e a aprovação pública continuava a cair, alcançando 41% em setembro, o nível mais baixo até então.

Diante dessa situação, ainda em setembro o presidente Clinton consegue a aprovação no Senado de uma resolução manifestando a intenção de retirar as tropas norte-americanas da Somália. E no dia 20, o então secretário de Estado Warren Christopher infor-

mou à ONU a intenção de Washington de retirar as tropas em um futuro próximo (BAUM, 2004). Porém, o incidente de 3 de outubro resultou em uma aceleração dos planos.

Em outubro, as veiculações da situação na Somália dispararam para 64, com o incidente conhecido por *Black Hawk Down*. Nunca, desde o início da operação norte-americana, se havia falado tanto da Somália. Com a notícia da morte de 18 soldados norte-americanos e as chocantes imagens divulgadas dia após dia, a aprovação pública despencou. Nesse mês várias pesquisas de opinião foram feitas. Para este estudo é utilizada uma média simples entre o menor índice de aprovação (21% no dia 6) e o maior (36% entre 7 e 10), portanto o índice de aprovação considerado para o mês de outubro é de 28%.

Passado o frenesi de outubro e com o início gradativo da retirada das tropas norte-americanas, anunciado ainda em outubro, o mês de novembro mostra uma tendência de estabilização nos índices de aprovação, que atingem 48% em dezembro, e um desinteresse da mídia, que chega a veicular somente sete artigos em janeiro de 1994. No dia 31 de março, é concluída a retirada das tropas norte-americanas da Somália, quando não se vê mais muito interesse e divulgação a respeito. No mês de março, foram somente 12 veiculações e, em abril, após a retirada, uma única veiculação. Quanto à opinião pública, após dezembro de 1993 foi realizada uma única pesquisa no mês de fevereiro. Pode-se dizer que o assunto foi totalmente esquecido após a retirada da malsucedida missão dos EUA na tentativa de trazer a paz para a Somália.

Ao se analisar os resultados obtidos com esta pesquisa, observa-se que existe uma relação entre a exposição midiática da missão norte-americana na Somália e a sua aprovação pública. Essa relação se evidencia no gráfico.

Em dezembro de 1992, quando a mídia volta a sua atenção para a Somália e a primeira pesquisa de opinião é realizada, uma alta aprovação popular é indicada. À medida que as tropas americanas eram bem-sucedidas, a imprensa afastou sua atenção da Somália, porém a opinião pública continuou favorável. Entretanto, no momento em que a missão começou a apresentar sinais de descontrole e a situação começou a se deteriorar, em junho de 1993, a atenção da mídia novamente se voltou para a Somália e o índice de aprovação começou a cair. O mês de outubro salientou essa relação: a exposição excessiva de uma única derrota militar derrubou os índices de aprovação e antecipou uma já prevista retirada.

Considerações finais

Na busca pela influência da mídia na retirada das tropas dos EUA do território somali entre outubro de 1993 e março de 1994 algumas hipóteses vêm à tona e diversos autores norte-americanos se propuseram a estudar o caso. As análises dessas obras e dos dados recolhidos permitiram concluir que houve uma relação entre a atuação da mídia e a decisão política pela retirada.

Os dados analisados confirmam a teoria já citada do segundo nível de *agenda-setting*, que relaciona informações negativas com o julgamento da sociedade. Esse fato se evidencia ao se observar a primeira metade do ano de 1993, quando o índice de aprovação pública da missão era alto, porém decresceu significativamente quando a mídia passou a expor mais o relativo fracasso a partir do mês de junho, culminando com o incidente de três de outubro. As emoções negativas do público norte-americano ao ver seus compatriotas perdendo terreno em um país distante influenciaram seu julgamento político.

O segundo nível de *agenda-setting* também explica o fato de a exposição na mídia da missão na Somália ter aumentado a partir de junho quando a situação se deteriorava, pois existem evidências de *agenda-setting* que apoiam a predominância das informações negativas nas notícias: quanto mais negativa é a notícia, mais noticiosa ela é. Portanto, de acordo com a teoria, a derrota é mais noticiosa do que a vitória.

Os resultados confirmam também a importância das ideias transmitidas pelos discursos de mídia, que constroem uma visão de mundo e guiam as ações dos atores políticos. Portanto, a partir desta análise é possível confirmar a hipótese de que a mídia pode ser considerada um ator influenciador das decisões políticas de acordo com o prisma construtivista, porém a mídia não pode ser considerada um ator tomador de decisões.

Em suma, pode-se dizer que a mídia influencia as decisões políticas de duas formas. A primeira é chamando a atenção do público para uma situação problemática, como a deterioração da situação na Somália em meados de 1993, que por sua vez cobra uma ação do governo. A segunda forma se evidencia quando a mídia atua como um catalisador sobre a implantação de decisões já tomadas, como a própria decisão pela retirada das tropas norte-americanas da Somália, agilizada após o incidente de outubro.

Referências

- BAUM, Matthew A. How public opinion constrains the use of the force: the case of operation Restore Hope. *Presidential Studies Quarterly*, v. 34, n. 2, p. 187-226, Jun. 2004. Disponível em: <<http://www.wiley.com/WileyCDA/WileyTitle/productCd-PSQ.html>>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- CAMARGO, Julia Faria. *Mídia e relações internacionais: lições da invasão do Iraque em 2003*. Curitiba: Juruá, 2009.
- CASTRO, Marina Scotelaro de. A instabilidade na Somália e a ineficácia das intervenções internacionais. *Conjuntura Internacional*, Belo Horizonte, 2 jun. 2010. Disponível em: <http://www.pucminas.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NO-TIC20100607095731.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2011.
- DAUBER, Cori. Image as argument: the impact of Mogadishu on U.S. military intervention. *Armed Forces & Society*, v. 27, n. 2, p. 205-229, winter 2001. Disponível em: <<http://afs.sagepub.com/>>. Acesso em: 13 fev. 2012.
- GILBOA, Eytan. Global communication and foreign policy. *Journal of Communication*, v. 52, n. 4, p. 731-748, dez. 2002. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jcom.2002.52.issue-4/issuetoc>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- HOBSBAWM, Erick. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HUBAND, M. La línea de Mogadishu: Estados Unidos y Somalia. In: HUBAND, Mark. *África después de La Guerra Fría: la promesa rota de um continente*. Barcelona: Paidós, 2004. p. 367-403.
- KANSTEINER, Walter H. US policy in Africa in the 1990s. In: AZRAEL, Jeremy R; PAYIN, Emil A. (Ed.). *US and Russian policymaking with respect to the use of force*. Santa Monica: Rand, 1996. p. 105-115.
- KRATOCHWIL, Friedrich V. *Rules, norms, and decisions: on the conditions of practical and legal reasoning in the international relations and domestic affairs*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- MARTIN, Shannon E. US media pools and military interventions in the 1980s and 1990s. *Journal of Peace Research*, Thousand Oaks, v. 43, n. 5, p. 601-616, set. 2006. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/27640386>>. Acesso em: 13 fev. 2012.
- NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. *Teoria das relações internacionais: correntes e debates*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- OLIVEIRA, Rafael Santos de. *A mídia como ator emergente das relações internacionais: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios das mudanças climáticas*. 2010. 419f. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- POLLING THE NATIONS. Somalia. Disponível em: <http://poll.orpub.com/index.php>. Acesso em: 6 mar. 2012.

PROQUEST HISTORICAL NEWSPAPERS: *The New York Times* (1851-2008). Somália. Disponível em: <http://search.proquest.com.www.libproxy.wvu.edu/hnp-newyorktimes>. Acesso em: 21 abr. 2012.

PREISS, José Luiz Silva. Conflitos na Somália na década de 1990: a tentativa da comunidade internacional de restaurar a esperança no Chifre da África. *Monographia*, Porto Alegre, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.fapa.com.br/monographia>>. Acesso em: 1 fev. 2011.

SILVA, Alexandre dos Santos. *A intervenção humanitária em três quase-Estados africanos: Somália, Ruanda e Libéria*. 2003. 214f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SOMÁLIA. Ministério das Relações Exteriores. Subsecretaria-Geral Política II. Departamento da África. Divisão da África III. Maio 2005. Disponível em: <http://www2.mre.gov.br/deaf/daf_3/somalia1.htm>. Acesso em: 7 jun. 2011.

WU, Denis H; COLEMAN, Renita. Advancing agenda-setting theory: the comparative strength and new contingent conditions of the two levels of agenda-setting effects. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, v. 86, n. 4, p. 775-789, winter 2009. Disponível em: <<http://www.aejmc.org/home/publications/jmc-quarterly/>>. Acesso em: 22 fev. 2012.